

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## O PROBLEMA DOS ENTERRAMENTOS NA CULTURA CASTREJA.

GARCIA Y BELLIDO, Antonio

Ano: 1966 | Número: 76

---

### Como citar este documento:

GARCIA Y BELLIDO, Antonio, O Problema dos enterramentos na cultura castreja.  
*Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 5-24.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# O problema dos enterramentos na cultura castreja (\*)

Pelo Prof. Dr. A. GARCÍA Y BELLIDO  
Director do Instituto Español de Arqueología  
(Madrid.).

---

Ao estudarmos a cultura castreja, nos seus variados aspectos, chama-nos inmediatamente a atención a ausência de uma das características máis destacadas de toda a cultura: as necrópoles, entendendo-se como tal o que a etimologia da própria palabra significa, isto é, «cidade

---

(\*) Abreviaturas adoptadas neste estudo:

- AEArg.* — *Archivo Español de Arqueología.*  
*BRAH* — *Boletín de la Real Academia de la Historia.*  
*CEG* — *Cuadernos de Estudios Gallegos.*  
*Estudos* — F. López Cuevillas e R. de Serpa Pinto, «Estudos encol da Edade do Ferro no Noroeste da Península», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, 6, 1933-1934, 217 ss.  
*Coaña I* — A. García y Bellido, «El castro de Coaña (Asturias)», *AEArg.* 14, 1940-1941, 188 ss.  
*Coaña II* — A. García y Bellido, «El castro de Coaña (Asturias), Nuevas aportaciones», *AEArg.* 15, 1942, 216 ss.  
*Pendia* — A. García y Bellido, «El castro de Pendia», *AEArg.* 15, 1942, 288 ss.  
*Hom. Cuevillas* — *Homaxe a Florentino L. A. Cuevillas*, Vigo 1957.  
*Hom. Mérida* — «Homnaje a Mérida», *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, I-III, Madrid, 1934-1935.  
*Santa Tecla* — C. de Mergelina, «La Citania de Santa Tecla», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid*, 11, 1945.  
*Aguas Santas* — J. Lorenzo Fernández, «El monumento prehistórico de Aguas Santas y los ritos funerarios de los castros», *CEG*, 1947, 341 ss.  
*Meirás* — J. M. Luengo, *Excavaciones arqueológicas en el Castro y su necrópolis, de Meirás (La Coruña)*. Memoria no 23 de la Comisaría de Excavaciones, Madrid, 1950.

dos mortos», lugar separado e distinto da cidade dos vivos, recinto sagrado onde estes restituem à terra mãe os despojos dos seus familiares.

De facto, apesar de ser conhecido um número realmente grande de povoados castrejos, não se tem podido, na verdade, verificar simultâneamente a existência de uma única das suas necrópoles. Esta ignorância não pode atribuir-se a mero acaso, visto conhecer-se com precisão absoluta a localização de centenas de castros. A razão tem de ser muito outra. Deveremos então atribuir este facto a quaisquer causas fortuitas, ou somos simplesmente forçados a concluir que os castrejos não utilizavam necrópoles *strictu sensu*?

Das duas possíveis respostas implícitas nestas mesmas interrogações parece-nos muito mais verosímil e aceitável a última, pelo menos a julgar através do que hoje conhecemos desta cultura. Na verdade, é de aceitar que os protagonistas da cultura castreja praticassem ritos funerários, se bem que ainda hoje mal conhecidos, é certo, mas que, em todo o caso, não consistiam em reunir os restos dos seus mortos em determinados lugares, de antemão fixados, comuns a todos eles, e unicamente destinados a esta finalidade, separados e mais ou menos distantes do lugar onde os vivos habitavam.

É sabido que os seus cadáveres eram incinerados e que, para isso, construía-se fornos crematórios, câmaras de incineração como as duas de Briteiros, as duas de Pendia, as de Coaña, Águas Santas, Monte da Saia e tantas outras menos conhecidas. Mas, onde recolhiam eles e guardavam os despojos de seus mortos, uma vez reduzidos a cinzas?

Naturalmente — e é disso que vamos tratar agora — em recipientes de barro, de pedra ou de madeira <sup>(1)</sup>, que

---

(1) Recipientes de madeira foram de uso corrente nos castros. Como é natural não podemos aduzir testemunhos reais desse emprego, por se tratar de material pouco durável; contudo, excepcionalmente, em Iuliobriga, encontrámos num poço dois recipientes de madeira, um dos quais com duas asas («Excavaciones en Iuliobriga», *AE Arq.* 29, 1956, 165 ss. fig. 53). Além disso, os textos antigos confirmam o facto. Estrabão (III, 3, 7) diz, falando dos habitantes do N. da Península: *usam de recipientes talhados em madeira* (ξύλινοις δὲ ἀγγεῖοις χρῶνται). Vasilhas de madeira empregam-se ainda em nossos dias, por exemplo, na Vas-

eram levados em seguida para as próprias moradas dos vivos e aí colocados segundo normas especiais, que deveriam variar não só de região para região, mas também no decorrer do tempo. Em certos castros construíram-se verdadeiros cemitérios comuns, dentro do próprio recinto urbano castrejo (Meirás); noutros os recipientes cinerários eram enterrados, ora no solo do interior das casas (Pendia, Coaña), ora em recintos *ad hoc*, anexos a elas (Coaña). Em alguns casos eram simples covas abertas na terra ou na rocha (Meirás), noutros eram verdadeiras cistas (Terroso). Por vezes os recipientes eram pedras providas de cavidades (castros do Navia); em casos mais frequentes, eram vasos cerâmicos, contudo noutros, que não podemos concretizar, seriam de madeira.

Vamos seguidamente catalogar os dados que até hoje conhecemos, probatórios da tese que acabamos de enunciar.

Começaremos por advertir que em diversas áreas culturais da Península, e em épocas que precederam aquela que podemos considerar como *akmé* da castreja, isto é, dos séculos imediatamente anteriores e posteriores ao começo da era cristã, já se praticava o costume de depositar os restos mortais dentro das casas ou em lugares adjacentes. Podemos citar um exemplo, muito próximo em tempo e lugar do período castrejo. Refiro-me ao de Cortes de Navarra, na bacia do Ebro: ali foram encontrados

---

cónia onde, para aquecer o conteúdo líquido de estes recipientes (kaikuá), lançam dentro pedras de ófite, enrubescidas ao fogo (sniariak). Sniariak significa «pedra do leite» por serem estas pedras geralmente empregadas para o aquecer. (J. Aguirre, «Avance a un Catálogo de Etnografía» *Revista Internacional de estudios vascos*, 18, 1927, 357 n.º 82; Esnarriak). Noutro lugar Estrabão (III 3, 6), falando dos habitantes lusitanos das margens do Douro, diz que, para produzir o vapor necessário para os seus banhos lacónicos (o actual chamado banho turco), lançavam água sobre-seixos candentes (*πυρίαις ἐκ λίθων διαπύρων*). Nas escavações que efectuámos em Coaña achámos grandes quantidades de seixos do rio calcinados, no interior de muitas das suas vivendas. Numa delas apenas, encontrámos várias centenas (*Coaña I*, 205 ss.). Prova indirecta do uso de tais recipientes de madeira é o facto de os achados cerâmicos serem raríssimos ou nulos em certos castros e, em todo o caso, sempre muito menos abundantes que nos povoados ibéricos. Adeante veremos como este costume pode explicar certos fenómenos relativos aos ritos funerários.

vários enterramentos de creanças sob o pavimento das casas. Eram todos de inumação, mas, para o que pretendemos demonstrar, esta modalidade não tem importância de maior (2). O facto é também frequente noutros povoados da mesma época do Baixo Aragão.

No interior do Castro de Folgosa descobriu-se *una especie de groseras cajas cuadrilongas de piedra formadas por cuatro toscas lajas clavadas de canto. Quizás se tratase de cistas* (3).

O Castro de Celtigos, contém, em algumas das suas penedias, várias cavidades elípticas e circulares, uma delas muito profunda e bem talhada, em forma de vaso (4). Adeante veremos que, nos castros do Navia, as pedras com fundas cavidades foram verdadeiras urnas cinerárias.

Dentro dos campos tumulares do alto Eume, no Castro de Vila dos Cotos, diz-se terem aparecido várias pequennas caixas de pedra, rectangulares, contendo dentro púcaros de barro cheios de cinzas (5).

Em Zamora, no Castellón de las Portillas, cita-se uma câmara abobadada e outra quadrangular subdividida em compartimentos, num dos quais apareceu uma vasilha com cinzas, uma moeda e um pequeno arodourado (6). É lamentável que não se tenham dado mais notícias sobre este achado, que reputamos seria importante.

Os castros de Toldaos e Góo deram, ao que parece, sepulturas tumulares (7).

No de Fozara, chamado A Cidade, perto de Punteareas, encontrou-se uma cista de paredes de pedra e soleira de lousas, sob as quais havia um poço com terra negra, aberto numa camada virgem de saibro vermelho. É possível que se tratasse de uma sepultura como as descritas (8).

(2) J. Maluquer de Motes, «Los poblados de la Edad del Hierro de Cortes de Navarra». *Zephyrus*, 5, 1954, 8)

(3) F. Maciñeira, «Los castros prehistóricos del N. de Galicia». *Hom. Mérida I*, 139.

(4) F. Maciñeira, *ut supra*, 140.

(5) F. Maciñeira, *ut supra*, 140.

(6) Lorenzo, *Aguas Santas*, 196.

(7) *Ibidem*.

(8) Referência oral de J. G. de Sela y Torres.

No Castro de Morgadán, na província de Lugo, achou-se soterrada a poucos centímetros de profundidade uma espécie de cista quadrada, formada de pedras rectangulares e bem lavradas, das quais a que servia de tampa mostrava uma gravura em forma de estrela. No interior continha muitas cinzas recolhidas num recipiente cerâmico (9). É curiosa esta gravura estrelar, pela sua relação com os signos astrais, tão comuns à arte funerária destes povos castrejos como à dos seus vizinhos da Meseta Superior.

Cerca de Santiago, num castro situado junto da estrada de La Coruña, encontrou-se uma urna cinerária com um espólio de quatro torques de ouro (10).

O castro de Cerceda (Coruña) deu outra sepultura com um torque de ouro (11).

Em Portugal, podemos citar especialmente o flagrante exemplo do castro de Terroso. Ali apareceram, por baixo de três casas circulares, supostas sepulturas hipogeeas também circulares, a modo de poços (Fig. 1), com revestimento interior de alvenaria e por vezes divididas em dois pisos por meio de uma lousa interposta (12). Embora não se encontrassem nestes sepélios objectos que os pudessem datar, é contudo evidente que se tratava de depósitos funerários de incinerados. Devemos sublinhar que as casas sob as quais se depositaram eram de planta redonda. O castro, por sua vez, é, como sabemos, dos mais típicos desta cultura.

No Outeiro de São Simão apareceu uma pia de pedra cheia de cinzas e carvões (13).

No Monte de São Pedro exumaram-se vasilhas inteiras e carvões (14).

---

(9) *Catálogo de los castros gallegos, Val de Villamarín* 1, 1927, 12 s. Vide também Cuevillas e Serpa Pinto, *Estudos*, 61.

(10) A. López Ferreiro, *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago I*, Santiago, 1898, 148 nota 1. — Veja-se também F. Bouza-Brey, «Castros de la Comarca Compostelana», *AEArq.* 14, 1941 539.

(11) R. Barros Silvelo, *Antigüedades de Galicia*, La Coruña, 1875, 110 (segundo Luengo, *Meirás*, 80).

(12) Cuevillas e Serpa Pinto, *Estudos*, 62.

(13) Martins Sarmiento, *Dispersos*, Guimarães, 1933, 191.

(14) Martins Sarmiento, citado por Lorenzo, *Aguas Santas* 196.

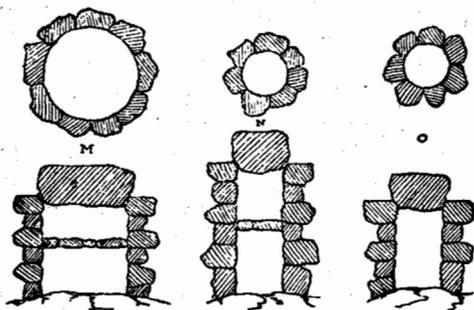


Fig. 1 — *Terroso.*



Fig. 2 — *Casa de Coaça, com sepultura anexa.*

Parte dos casos acima registados são até certo ponto duvidosos. Outros, todavia, de grande força probatória, como o de Terroso, Morgadán, Santiago, Cerceda e Fozara, vistos e observados por pessoas autorizadas. Os casos mais evidentes são contudo os de Coaña, Pendia e principalmente o de Meirás, aos quais em seguida nos vamos referir.

Em Coaña pudemos descobrir <sup>(15)</sup> uma construção de planta trapezoidal encostada a uma cabana circular (*Fig 2.*), sem comunicação alguma com ela pelo interior, ignorando se a teve por fora, visto haver-se perdido uma parte da parede exterior. A sua face interior não apareceu, o que leva a supor ter-se enchido primeiro o interior após o que se fez a parede externa. Dentro encontrámos, já remechida, uma pequena câmara formada por lajes horizontais sustentadas por outra vertical. No meio da terra apareceram cinzas e restos de um recipiente cerâmico <sup>(16)</sup>.

Semelhante é o caso que observámos na escavação do mesmo castro: dentro de uma cabana circular, encontrámos, no centro e quase ao nível da habitação, primeiramente três grandes lajes de xisto colocadas horizontalmente; depois um leito de seixos rolados; mais abaixo, escombros com fragmentos cerâmicos; logo a seguir uma laje e, por baixo dela, duas pedras toscas de uns 16 cm. de largura e 2 de espessura, colocadas directamente sobre a rocha viva. A profundidade total desta cavidade era de uns 75 cm. <sup>(17)</sup>. As explorações feitas em redor

---

<sup>(15)</sup> A. Garcia y Bellido, *Coaña I*, 202.

<sup>(16)</sup> Trata-se, sem dúvida, de um depósito funerário, o que nos leva conseqüentemente a deduzir que pelo menos parte das construções adjacentes a muitas das vivendas castrejas—construções que, com razão, tem sido consideradas como recintos auxiliares das respectivas casas (estábulo, galinheiros, depósitos de lenha etc.)—foram também, em alguns casos, cemitérios familiares. Esta hipótese poderia explicar certos conjuntos de vivendas castrejas que, pela sua complexidade, não são fáceis de interpretar. Em todo o caso julgamos prudente chamar a atenção e apontar a hipótese, que futuramente poderá ser confirmada de modo mais fidedigno.

<sup>(17)</sup> A. Garcia y Bellido, *Coaña II*, 231.

deram a mesma capa de seixos rolados <sup>(18)</sup> e (o que é realmente curioso) uns pedacitos de estuque fino com restos de cor branca e ocre, que suspeito fossem testemunhos de um revestimento do nicho cinerário, se na realidade tal existiu.

No vizinho castro de Pendia encontrei (*Fig. 3*), ao nível do solo e próximo da parede interior, uma laje de xisto com um buraco a meio, e debaixo dela uma grande pedra granítica com outro buraco que vinha a coincidir precisamente com o da pedra que lhe servia de tampa. Infelizmente o recipiente de granito não continha restos apreciáveis de qualquer coisa <sup>(19)</sup>.

Na parte escavada do castro de Meirás <sup>(20)</sup>, que apenas abrange uns pequenos sectores, descobriram-se cerca de setenta depósitos funerários concentrados dentro dos muros da acrópole, em áreas relativamente pequenas, mas na proximidade do seu perímetro. Consistem todos eles em simples cavidades abertas na rocha, geralmente próximas umas das outras. Posto que não faltem as de boca circular, na maioria esta é ovoide ou elíptica (*Fig. 5*). A dimensão média do seu maior diâmetro oscila entre 30 a 40 cm., e a sua profundidade é de uns 25 a 40 cm., existindo contudo algumas maiores ou mais pequenas <sup>(21)</sup>. Nestas condições, pode afirmar-se que, na abertura destas fossas, não foi seguida uma norma determinada, regular, resultando assim umas maiores, outras menores, circulares ou ovais, mais ou menos profundas, porque ao escavá-las não se pretendeu outra coisa senão obter uma simples cavidade para ali depositar as cinzas do morto, contidas ao que parece em vasos ou urnas cinerárias. Uma particularidade curiosa, para a qual é difícil propor

---

(18) O seixo rolado apareceu também nos enterramentos de Meirás, que adiante descreveremos. Teria um sentido simbólico relativo ao lar? Já na nota 1 vimos que o seixo rolado era correntemente empregado nos usos de cozinha.

(19) A. García y Bellido, *Pendia*, 295.

(20) J. M. Luengo, *Meirás*.

(21) Algumas chegam a ter 1,50 m. de diâmetro com uma profundidade, por vezes, de 80 cm. Noutras cavidades, esta profundidade não vai além de uns 10 a 12 cm. Por excepção há duas fossas de planta mais ou menos rectangular ou trapezoidal, uma com as dimensões de 1,30 × 0,60 m., e a outra com 0,90 × 0,50 m. aproximadamente.

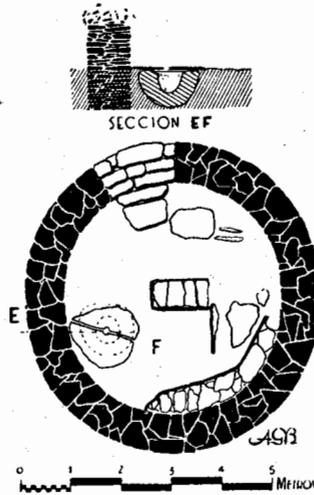


Fig. 3

*Enterramento de Pendia.*

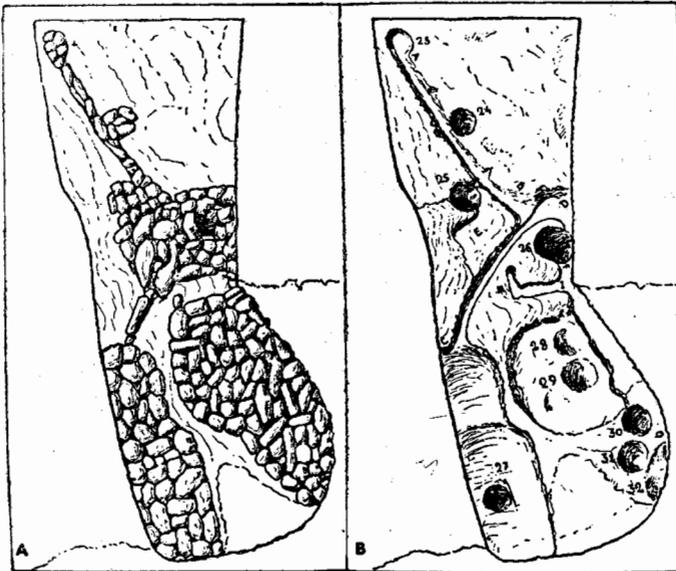


Fig. 4

- A) *Sepulturas 23 a 32, com as capas de pedras que as cobriam.*  
 B) *As mesmas sepulturas depois de escavadas, mostrando suas cavidades e canais.*

(Segundo Luengo, *Meirú*, fig. 15).



qualquer solução que a explique satisfatoriamente, é o facto de, na superfície de uma mesma pedra, haver canais mais ou menos sinuosos unindo ou relacionando entre si cavidades várias (Fig. 4 B). Serviriam sepélios de indivíduos consanguíneos?

Geralmente estas cavidades encontram-se cobertas de pedras pequenas. Algumas, maiores e alongadas, aparecem fincadas verticalmente dentro da cavidade. Talvez se trate de estelas ali erguidas, as quais pelo seu maior peso e pouca densidade da terra do enchimento do buraco, tombaram no seu interior. Um dos sectores escavados deu uma espécie de pavimento de pedras, sob o qual apareceram várias fossas.

O espólio funerário deve ter sido sempre muito pobre. Nas sepulturas escavadas até hoje tem sido encontradas cinzas, ossos humanos que o fogo não chegou a consumir por completo <sup>(22)</sup>, madeiras queimadas, fragmentos de vasos cerâmicos indígenas (nenhum completo) <sup>(23)</sup> e, mais raramente, fragmentos de *terra sigillata*, de ânforas e de cerâmica romana vulgar; cravos e pedaços de ferro; ossos de animais (boi e cavalo, principalmente); machadinhas de pedra polida, bolas de barro cozido e, em determinados casos, uma fibula, um pendente, uma moeda romana. Apareceram também pedaços de tijolos e de telha romana. Tal é geralmente o inventário de estes espólios que, como é natural, varia de uma sepultura para outra.

A título de exemplo, citarei três enterramentos significativos. A cova (n.º 21) que continha uma moeda estava tapada com uma camada de pedras. No interior apareceram: cinzas, madeira queimada, ossos pulverizados, pedras miúdas, um fundo de vaso de tamanho regular, de *terra sigillata*, inclassificado, e a moeda referida, de Augusto. Outra cova (n.º 7), deu grande quantidade de pedras, fragmentos de várias urnas cinerárias, uma fibula

---

(22) Numa das sepulturas apareceram os seguintes restos de ossos humanos: a cabeça de um fémur, parte do maxilar inferior, abóbada palatina, parte ilíaca da pelve e vários fragmentos de ossos longos.

(23) É curioso que, apesar de esta necrópole haver aparecido intacta, não se encontrassem nas suas sepulturas vasos que, mesmo quebrados, fosse possível reconstituir inteiramente. Recorde-se o que na nota 1 dissemos a propósito de vasilhas de madeira.

de bronze do tipo de La Tène III, o bico de uma ânfora romana, uma faca de ferro, madeira queimada e ossos humanos constituídos pelo pedaço de um fémur, outro de astrágalo, parte de um metacarpo e a extremidade inferior de um húmero. Finalmente ainda outra (n.º 22), deu restos de um recipiente de *terra sigillata*, fragmentos de tijolo e de *tegulae* e, juntamente, pedaços de vários recipientes indígenas, cinzas, ossos pulverizados, madeira queimada e grande porção de pedras pequenas e grandes.

Dado o modo como estas sepulturas de poço se agrupam e ocupam certa extensão de terreno, cabe designar o seu conjunto como um cemitério, ou necrópole urbana, visto encontrar-se dentro do recinto murado da circunvalação da acrópole propriamente dita. Ora bem: diferentemente do que sucede com Coaña e Pendia — onde os sepélios se fizeram no interior das vivendas ou junto delas — aqui, em Meirás, aparecem agrupados e reduzidos a um ou a vários sectores da cidade, mas nunca dentro das próprias casas dos vivos <sup>(24)</sup>.

A cronologia absoluta destes enterramentos de Meirás é contudo imprecisa. Só aquelas covas que deram objectos romanos podem datar-se vagamente. Assim as sepulturas que continham a moeda de Augusto, a *terra sigillata*, os pedaços de tijolo e *tegulae*, os moinhos de mão, redondos, os bicos de ânfora, etc., poderiam datar-se com certa segurança (considerando estes objectos como um *terminus post quem*) de plena época imperial. À mesma conclusão nos conduz a fíbula de La Tène III aparecida, como dissemos, juntamente com uma ponteira de ânfora romana <sup>(25)</sup>.

---

(24) A verdade é que, apesar do que fica dito, duas das cavidades apareceram por baixo das paredes da única vivenda completa até hoje descoberta, uma casa circular, de pedra, situada perto de uma área de enterramentos. Mas tudo leva a crer que essa casa tivesse sido construída muito posteriormente, não existindo portanto relação alguma directa entre os enterramentos e a referida vivenda, que deve datar já da época imperial avançada, visto na sua construção ter sido empregado um pedaço de mó circular romana. Infelizmente como aquelas cavidades apenas continham cinzas, não foi possível precisar a sua cronologia absoluta.

(25) Estes são os testemunhos mais evidentes da tese que sustentamos. Contudo, alguns mais poderíamos acrescentar, como sejam por exemplo os seguintes, que, por menos seguros, relegamos

Sendo assim, nada tem de extraordinário que este uso continuasse por algum tempo após o domínio romano, e por consequência nos últimos tempos do mesmo, quando o rito da incineração era comum a pagãos e cristãos em todo o mundo romano. De facto há testemunhos suficientes, não só arqueológicos como também escritos, a provar que assim foi.

Como acabamos de ver, muitas das sepulturas de Meirás são datáveis do pleno Império. E, como essas, outras existem em diversos castros. Citemos o de Santiago.

No Castro que existiu onde hoje se encontra a cidade do Apóstolo, castro que deveria ter sido grande, encontraram-se, pelos fins do século XIX, nos alicerces de uma casa moderna próxima da igreja de San Salomé, vários enterramentos consistentes *en un pozo circular que se va estrechando hasta que, como a un metro de profundidad, se halla cortado por un ancho e grueso ladrillo que cubre esta pequeña cavidad en la cual se conservaba la urna cineraria.*

Esta forma de sepélio, tão semelhante à de Terroso, foi comparada acertadamente pelo seu descobridor às chamadas pelos italianos «tombe a pozzo», expressão que precisa a descrição<sup>(26)</sup>. A incineração, só por si, já indica que o sepélio não é cristão, e o emprego do tijolo grosso denuncia que a sua época deve ser a imperial e, inclusivamente, tardia.

---

para esta nota: No castro de Revilla (León) *se dice aparecieron unas ollas al lado de unas piedras con caracteres de sepulturas por incineración* (Luengo, Meirás, 78). Gómez-Moreno alude a certas *ollas con cenizas y piedras de molino* no castro de Turcia, também de León (*Catálogo Monumental de la Provincia de León*, Madrid 1925, 6 s.). Na mesma provincia, cerca de Ardón, fica o cerro de Cembranos, onde se diz terem aparecido *ollas con cenizas* (Luengo, Meirás, 78). No castro de Morgovejo, também leonês, Luengo descobriu *restos humanos incinerados, um en un pozo abierto en la roca viva, donde aparecian cenizas en diversas capas*, e outros em *una agrupación de peñascos, bajo los cuales se hicieron enterramientos*. Estavam todos violados e não ofereceram material arqueológico (J. M. Luengo, «El castro de Morgovejo», *Actas y Memorias de la Soc. Esp. de Antropología, Etnología y Prehistoria*, 15, 1936-1940, 177). Este caso parece muito semelhante ao de Meirás, de que já falamos, também escavado por Luengo.

<sup>(26)</sup> López Ferreiro, cit. na nota 10, e F. Bouza-Brey, a quem se alude na mesma nota.

O mesmo caberia dizer de achados semelhantes ocorridos nos castros de Riego de la Vega e de Polvazares, na província de León <sup>(27)</sup>.

Caso igualmente datável, *grosso modo*, no período imperial romano é o do Castro de Villanueva del Carnero, na mesma província. Segundo notícias dos aldeãos, apareceram ali *restos de huesos y cenizas y algunas monedas romanas* <sup>(28)</sup>.

No de San Andrés de Montejos (León) acharam-se *en su falda oriental sepulturas y entre ellas se sacó una estela votiva que guarda en su iglesia el párroco*, sendo lamentável que da mesma nos não desse Gómez-Moreno <sup>(29)</sup> mais pormenores.

No castro de Quintanilla de Somoza (igualmente em León, a O. de Astorga) descobriram-se em 1908 sepulturas com recipientes de barro <sup>(30)</sup>.

No castro de Torralba, Pontevedra, foram descobertas umas sepulturas de inumação, o bastante para datar este achado em cerca do final do século II ou no III da nossa era <sup>(31)</sup>.

O mesmo se poderia dizer do castro de Lancia, perto de León <sup>(32)</sup>.

No de Lanzada, Pontevedra, com a presença de casas redondas, há enterramentos por inumação, achados de cerâmica romana tardia e moedas de Galieno e de Constantino <sup>(33)</sup>.

<sup>(27)</sup> C. Morán, *Por tierras de León*, Salamanca 1925, 112 e 113.

<sup>(28)</sup> Luengo, *Meirás*, 78. Cito este caso pelo que possa valer, pois reconhecemos que a autoridade de um campónio não faz fé, posto que a notícia seja muito verosímil.

<sup>(29)</sup> *Cat. León*, 3 (citado na nota 25).

<sup>(30)</sup> Convém lembrar que deste mesmo castro é procedente a famosa lápide de Sárapis. M. Alonso Criado, *El Faro Astorgano* VI, n.º 818 de 17 de Agosto de 1908 (segundo Luengo, *Meirás*, 79). Com respeito à lápide de Sárapis, ver o nosso estudo em *BRAH* 139, 1956, 330 ss. Dado que possa existir alguma relação entre uma sepultura e o ambiente em que ela tenha aparecido, os referidos enterramentos deverão ser já tardios.

<sup>(31)</sup> Oviedo y Arce, *Bol. R. Ac. Gallega*, 8, 19, n.º 78, 168 (citado por Luengo, *Meirás* 81).

<sup>(32)</sup> E. Gago Rabanal, *Arqueobiología*, León, 1902, 97 ss. (de Luengo, *Meirás* 79).

<sup>(33)</sup> A. Blanco, «La cultura castreña», *Symposium de Prehistoria de la Peninsula Ibérica*, Pamplona, Setembro de 1959, 192.

No castro de Alobre acharam-se sepulturas de inumação, já cristãs, e moedas, uma de Cascantum (autónoma), outras de Galieno e Constantino, além de restos de mosaico e fragmentos de *terra sigillata* <sup>(34)</sup>.

A presença de estes enterramentos de inumação denotam já, só por este facto, que estamos em fins do Império e que, ainda então, era seguido o velho costume de enterrar os despojos humanos dentro dos castros. Assim era de esperar visto que tal costume chegou mesmo até os nossos dias em certos lugares recônditos do N. da Península <sup>(35)</sup>.

Os textos antigos, ainda que poucos e breves, dão-nos notícia da existência de tal costume nos tempos de que tratamos. A *Lex Coloniae Genetivae Iuliae Urbanorum*, dada por César a Urso (a actual Osuna), proíbe explicitamente os enterramentos dentro do aro urbano (LXXIII. *Ne quis intra fines oppidi coloniaeve, qua aratro circumductum erit, hominem mortuom inferio neve urito neve hominis mortui monumentum aedificato*). Posto que tal disposição proceda da Lei das XII tábuas (X 1), a sua repetição aqui deve, sem dúvida, interpretar-se como oportuna, visto existir ainda em Urso esta prática de um modo mais ou menos generalizado ou patente <sup>(36)</sup>. A este mesmo costume aludia ainda, no século VI-VII da nossa era, Santo Isidoro de Sevilha (*Etym.* 15, 11, 1), ao advertir *prius autem in domo sua sepeliebatur*. O texto deixa supor que já no seu tempo era um hábito esquecido na Baetica, de onde ele escreve; contudo, esta sua

<sup>(34)</sup> F. Bouza-Brey, «O Castro de Alobre», *Hom. Cuevillas*, 77.

<sup>(35)</sup> Nas províncias vascas ha povoados onde as crianças mortas sem baptismo são enterradas sob o beiral do telhado da casa (= itxusurián, literalmente — «debaixo das goteiras do telhado»). Ver, a este respeito, J. M. de Barandarián, «Contribución al estudio de la casa rural y de los establecimientos humanos: Ataun», *Anuario de la Sociedad de Eusko-Folklore* 5, 1925, 25 s.; B. de Echegaray «Significación jurídica de algunos ritos funerários del País Vasco», *Revista de Estudios Vascos*, 16, 1925, 94 ss. e 184 ss. Devemos à amabilidade do Sr. Caro Baroja estas e outras referências bibliográficas relativas a costumes vascos actuais.

<sup>(36)</sup> Estes rituais eram também praticados por certos povos itálicos em épocas remotas, como se depreende de Cícero, *De leg.* 2, 23, 58, e de Servius, *in Aen.*, 11, 206. Cf. A. D'Ors, *Epigrafía jurídica de la España Romana*, Madrid, 1953, 197.

recordação talvez fosse provocada pela sobrevivência daquele costume ainda em tempos próximos ao do escritor.

O achado da sepultura já descrita, de Pencia (*Fig. 3*), na qual, no subsolo interior de uma cabana circular, apareceu uma pedra com uma cavidade coberta por uma laje, levou-nos à conclusão de que outras pedras similares, com uma ou várias covas, abundantes em Coaña e noutros castros próximos, deveriam ter tido destino igual, que não podia ter sido outro senão o de servirem de urnas cinerárias para recolher e conservar os restos carbonizados dos mortos de uma família na morada dos seus próprios familiares, sob o mesmo tecto que em vida cada um habitou. Nas figuras 5 e 6 apresentamos os exemplares mais característicos achados nos castros da Coaña, Pencia e La Escrita, todos três na região do Navia. São de pedra granítica, isto é, importada, visto que na região apenas existe xisto. São grandes, por vezes enormes, mas em geral apenas lavradas por uma das faces, conservando-se o resto em grosso, certamente por ficar soterrado. A profundidade das cavidades oscila entre 15 a 20 cm., tendo a largura das bocas uns 15 cm. de diâmetro. O fundo é hemisférico. O número destas covas varia entre uma e quatro ou cinco, contudo também há pedras com maior quantidade, como as duas conhecidas de La Escrita, uma das quais apresenta sete cavidades e a outra oito (*Figs. 6 e 7*). Em todas estas pedras com buracos, a face na qual eles foram abertos aparece com um rebordo ou filete ligeiramente saliente e não muito largo. Seguramente nesse rebordo se encaixava ou ajustava uma placa de xisto que cobria a cavidade ou cavidades, a modo de tampa <sup>(37)</sup>.

Dissemos que geralmente as pedras são grandes e por consequência o seu peso está de harmonia com seu tamanho. A laje mais pequena do castro de La Escrita (*Fig. 7*), com oito buracos, mede  $1,30 \times 0,73 \times 0,29$  m., à qual corresponde o peso de uns 700 quilos. A maior de Coaña (*Fig. 6*) cujas dimensões são de  $1 \times 0,75 \times 0,67$  m.,

---

(37) Suspeitamos que pelo menos parte de muitas das lajes de xisto com cavidades, que aparecem em verdadeira profusão nestes castros, hão-de ser, em nossa opinião, restos dessas tampas.

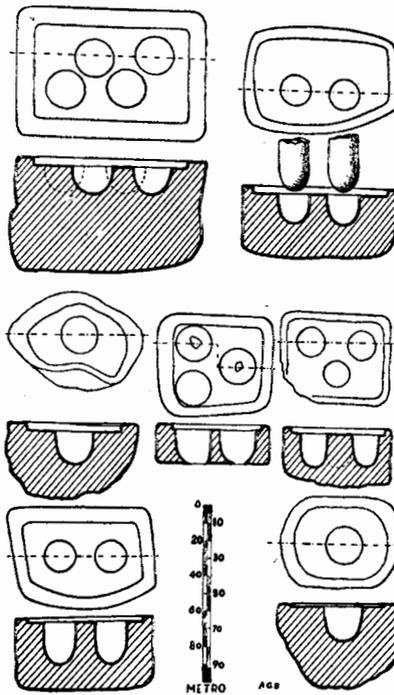


Fig. 6

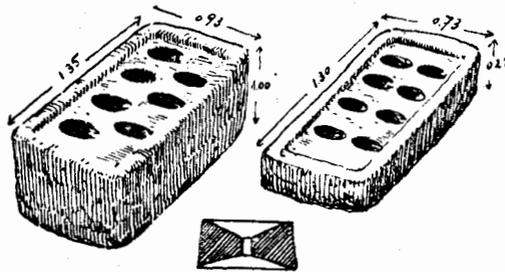


Fig. 7

*Pedras com cavidades, procedentes do Navia.*

pesa 2.250 quilos aproximadamente. Mas a maior de La Escrita (*Fig. 7*), com sete cavidades, pesa nada menos de três toneladas, sendo as suas dimensões  $1,35 \times 0,93 \times 1\text{m}$ . Como é óbvio, a dedução a tirar de estes enormes pesos é que o destino de tais mesas de pedra devia ser muito outro do que a princípio se supôs <sup>(38)</sup>, pelo que desde logo formulámos a hipótese, de harmonia com casos tão eloquentes como o de Pendia <sup>(39)</sup>, da sua aplicação funerária, como urnas ou cistas, simples ou múltiplas, destinadas a guardar os resíduos da cremação dos cadáveres e a conservá-los nas próprias habitações dos vivos.

Esta realidade, que nas linhas de este estudo vimos defendendo e demonstrando, explicará plausivelmente, segundo julgamos, a total carência de necrópoles (*strictu sensu*) nesta cultura castreja, as suas câmaras de incineração e os casos por nós observados em Pendia e Coaña, aos quais, como vimos nas páginas anteriores, outros mais se puderam acrescentar, alguns deles (em Meirás, por exemplo) bem comprovados posteriormente em escavações cuidadosas, outros, numerosos, aqui referidos, mal interpretados por carecerem de antecedentes que confirmassem a sua verdadeira finalidade, mas agora valorizados em seguida a posteriores descobertas.

Com efeito, pedras grandes, com buracos regulares e profundos e com o mesmo destino que as de Coaña, Pendia e La Escrita, também noutros castros existem, como no de Santa Tecla. Neste castro encontrou-se uma grande pedra quadrada, de granito, de uns 33 cm. de lado, com grosseiro rebordo e cinco recipientes redondos e profundos, distribuídos ordenada-

---

<sup>(38)</sup> A abundância com que estas pedras com cavidades surgiram no casario de Coaña, durante os nossos primeiros trabalhos, induziu-nos a interpretá-las imediatamente como mesas para pisar ou triturar minério, raízes tintóreas, ervas ou alimentos em geral, como cereais ou bolota; e apoiávamos esta última hipótese no testemunho de Estrabão (III, 3, 7), que afirma que durante grande parte do ano estes povos comiam pão de farinha de bolota. A tal conclusão nos levara também o achado de dois maços de granito encontrados junto de uma de estas pedras com cavidades, os quais se ajustavam nelas exactamente (A. Garcia y Bellido, *Coaña I*, 204). Todavia, de pressa vimos que os enormes pesos destas pedras não permitiam considerá-las como peças de um material de cozinha.

<sup>(39)</sup> A. Garcia y Bellido, *Coaña II*, 232 ss. Idem, *Pendia*, 295.

mente um em cada ângulo e outro ao centro. Os buracos ou caçoletas encontram-se por sua vez contornados por um fino rebordo, isto é, como nos de Coaña (40).

Pedra semelhante é a granítica procedente do Castro de Baltar, actualmente no Museu de Orense, com três cavidades algo irregulares (41).

Além destas, é muito possível que *las pequeñas cazoletas elípticas y circulares, una de ellas muy profunda, admirablemente excavada en forma de vaso*, que Maciñeira viu no castro de Céltigos (42) fossem depósitos de incineração idênticos aos de Meirás e Coaña.

Já também demos a conhecer (43) uma peça semelhante, achada em Tarragona (44), provida de três cavidades, grandes e profundas como as duas dos castros do Navia (45).

Actualmente toda esta complexa teoria por tantos lados verosímil e por tantos outros comprovada, como acabamos de ver, pode sem dúvida vir a sofrer rectificações em alguns dos seus aspectos, conforme achados futuros as justifiquem, mas cremos bem que, nas suas linhas gerais, se manterá. De facto foi favoravelmente considerada por alguns dos meus colegas, pouco depois de embrionariamente a ter exposto num dos meus trabalhos sobre Coaña (46) e, a este respeito, muito grato nos é aqui invocar, como final destas linhas, o nome do saudoso F. López Cuevillas, cuja autoridade por

(40) C. de Mergelina, *Santa Tecla*, fig. 21.

(41) Lorenzo, *Aguas Santas*, 198 com figura.

(42) F. Maciñeira, «Los castros prehistóricos del N. de Galicia», *Hom. Mérida I*, 139 ss.

(43) *Coaña II*, fig. 18.

(44) Ver J. Gudiol, *Arqueología Sagrada Catalana*<sup>2</sup>, Barcelona s. a. (1933) I, 87 e fig. 144. Cf. *Anuari Inst. Est. Catal.* 6, 1915-1920, 718.

(45) Algo de semelhante deveriam também ser as chamadas «pedras bebedouros», aparecidas em muitos castros, como nos de Troña, Cameixa, etc., sem com isso quereremos afirmar que muitas delas não fossem efectivamente pias para dar de beber ao gado menor, galinhas, etc. Isto porém ainda não está suficientemente esclarecido, como seria para desejar.

(46) *Coaña II*, 288 ss.

todos foi reconhecida. Diz ale assim (pòstumamente) referindo-se a esta teoria:

*«Hoy, después del descubrimiento de los hoyos que podemos llamar funerarios, destinados a recibir los restos recogidos en las incineraciones de los cadáveres, hoyos en los que se encontraron ejemplares en los de Coaña, Pencia y La Escrita y, sobre todo en el de Meirás, no puede excluirse en absoluto una utilización de éste género (47).*

---

(47) F. López Cuevillas, *CEG* 13, 1958, 318.